



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

De subalternizados a protagonistas de sua própria História: Subsídios para uma educação das relações étnico-raciais

Autoria: Izadora de Souza Vieira (UFPB - Universidade Federal da Paraíba), Maria Clara Lima de Menezes, graduanda em Ciências Sociais (bacharelado) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), voluntária, claraamenezess@gmail.com.

O projeto Trajetórias Indígenas como caminho para educação das relações étnico-Raciais na Paraíba tem como proposta central fornecer subsídios para formação de estudantes de graduação da licenciatura, estudantes do ensino básico e demais integrantes da comunidade universitária. Além disso, busca produzir instrumentos educacionais para a reflexão do ser indígena e não indígena por meio dos quais seja possível desconstruir imagens romantizadas e distorcidas da realidade sócio-cultural desses grupos. Através da produção de biografias pretéritas de pessoas indígenas, pretende-se criar um conjunto de elementos que possibilitem a compreensão dessas populações a partir de escolhas político sociais e não por ideias montadas sob a égide de um idealismo cristalizado e colonial desses povos. Além disso, intencionamos a revisão das relações entre indígenas e não indígenas, construindo informações de natureza histórico cultural que permita apresentar não só a participação dos indígenas na história da Paraíba, mas a presença das populações indígenas no Brasil atual. Como resultado até o momento, temos 8 (oito) narrativas biográficas produzidas - Francisco Rodelas (Índio Rodelas), Pedro Poty, Felipe Camarão, Guiragibe, Antônio Paraupaba, Tibiriçá e Zorobabé. Adotamos a metodologia documental bibliográfica, identificando documentos históricos, dados quantitativos, narrativas e imagens. Os acervos documentais consultados estão localizados em instituições de memória da Paraíba, como o IHGPB (Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba), o acervo Histórico da Paraíba, a Fundação Casa José Américo, como também, em acervos digitais, dentre eles, o projeto Resgate, os relatos de presidentes da Província e bibliotecas especializadas. A partir da construção de narrativas



biográficas de lideranças indígenas, pretendemos construir imagens e informações que permitam compreender diversos momentos históricos e as alianças e conflitos estabelecidos entre diversos grupos, bem como oferecer uma leitura crítica dos materiais escritos e imagéticos que auxiliaram na reprodução de imagens deturpadas sobre os povos indígenas e que foram atualizadas ao longo do tempo, imagens que foram elaboradas e utilizadas para justificar a colonização e seus diversos instrumentos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: